

humanitas

Vol. LIX

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS



HVMANITAS

Vol. LVIX - MMVII



PINTO, António Guimarães, *Humanismo e Controvérsia Religiosa. Lusitanos e Anglicanos*, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2006. Vol. I: 314 pp. ISBN: 972-27-1392-2. Vol. II: 763 pp. ISBN: 972-27-1392-2. Vol. III: 539 pp. ISBN: 972-27-1519-4.

O humanista português D. Jerónimo Osório foi objecto de mais uma publicação da Imprensa Nacional Casa da Moeda, desta vez em 3 volumes, sobre a controvérsia religiosa e política que atravessou a década de 60 do século XVI, e que opôs o eclesiástico português ao inglês Walter Haddon. A António Guimarães Pinto e à Imprensa Nacional Casa da Moeda devemos aliás a notável (e persistente) empresa de tradução e divulgação moderna da obra do humanista português D. Jerónimo Osório. Desde os anos 90, como discípulo laborioso de Américo Costa Ramalho, Guimarães Pinto tem mantido uma notável actividade de tradutor da obra de D. Jerónimo, tendo apresentado a *Epistolografia* (1995), os *Tratados da Nobreza Civil e Cristã* (1996), o *Tratado da Justiça* (1999), o *Tratado da Verdadeira Sabedoua* (2002), o *Tratado da Glória* (2004) e *Da Ensejança e Educação do Rei* (2006). A obra em apreço contém mais de 1500 páginas, distribuídas por três volumes. O 1º corresponde à Introdução, o 2.º à Tradução e anotação das obras e o 3.º ao estabelecimento do texto latino e respectiva edição - no que o autor se reconhece parcialmente tributário da obra de Sebastião Tavares de Pinho, autor da primeira edição crítica da *Carta à Rainha de Inglaterra*, peça fundamental de todo o conjunto. O 1º volume, de introdução, contém a contextualização histórica daquela controvérsia e apresenta um estudo dos três autores envolvidos e das cinco obras produzidas, além de um conjunto de Apêndices (pp. 259-305), constituído por algumas das fontes inéditas de que o autor se serviu. A situação histórica que se vivia em Inglaterra e Portugal, o reinado isabelino, o exílio dos católicos ingleses, o ambiente religioso em Portugal, o fervor na aplicação dos Decretos de Trento bem como a caracterização de cada um dos autores (D. Jerónimo Osório, pp. 47-89; Walter Haddon pp. 90-117 e D. Manuel de Almada pp. 118-138) procuram na verdade, conduzir o leitor para a irredutibilidade dos pontos de vista em confronto e prepará-lo para " a gradual subida de tom no sentido da intolerância e da correspondente perda de urbanidade, à medida que se vai volvendo claro que não é possível nenhum entendimento que não passe pela total cedência de uma das duas partes em controvérsia" descreve o autor no prefácio (p. 10).

Na *Carta à Rainha de Inglaterra* (Isabel, filha de Henrique VIII), D. Jerónimo dirige críticas acérrimas aos conselheiros da rainha, acusando-os de impiedade e de toda a sorte de vícios morais. A verdade é que a carta conheceu um enorme êxito em toda a Europa, e recebeu diversas edições em Veneza, Lovaina e Paris (onde foi também traduzida), pelo que o governo inglês decidiu dar uma resposta pronta ao

ousado bispo lusitano, escolhendo Walter Haddon (considerado um dos mais perfeitos imitadores ingleses do estilo de Cícero) e encomendando desde logo uma tradução em francês (*Carta Apologética de W. Haddon*). D. Manuel de Almada intervém pouco depois, para preservar o bom nome do amigo ultrajado e para defender a religião católica das arremetidas da heresia protestante de Haddon (*Carta de Manuel de Almada*), ao que se segue, catorze meses depois, a resposta do próprio Osório, logo que tomou conhecimento do opúsculo de Haddon, através de D. Manuel de Almada (*Contra Haddon*). A reacção, na Inglaterra, à violência verbal de D. Jerónimo esteve na origem da réplica que Haddon apenas começou a escrever (*Contra Osório*) e que Foxe foi encarregado de concluir uma vez que a doença e a morte surpreenderam o jurista inglês em 1572. A última obra, porém, caudalosa, de tom ainda mais hostil e ofensivo, nunca terá chegado ao conhecimento do bispo lusitano.

A vivacidade e exaltação, os impropérios e injúrias com que os argumentos se desenvolvem parte a parte, o diálogos com interlocutores imaginários, as apóstrofes dirigidas a defensores (históricos ou imaginários) dos pontos de vista a impugnar ou a vituperar demonstram a intencionalidade literária de D. Jerónimo e fazem dele um vivo argumentador e um formidável adversário. A estas qualidades o tradutor não foi de modo algum insensível, procurando, em cada tradução, um registo de linguagem que espelhasse as diferenças linguísticas de cada autor, da grandiloquência de Osório, por exemplo, ao carácter elíptico do texto de Haddon. Por isso, se é extremamente interessante a leitura político-religiosa desta controvérsia, que uniu os católicos portugueses e ingleses contra a apologética anglicana, amplamente divulgada no Continente, no mesmo momento em que se procurava executar o Concílio de Trento, não é menos interessante verificar o peso determinante dos principais temas que configuram a obra de D. Jerónimo (a defesa do livre arbítrio, a caracterização do bom rei, a crítica à adulação, a crítica severa a Lutero e, segundo Guimarães Pinto, a mundividência aparentemente neoplatónica do bispo de Silves). Mas o que mais se salienta na leitura do conjunto é a qualidade literária da exposição das matérias teológicas, qualidade resultante do "ciceronianismo funcional" de Osório, em que a retórica é colocada ao serviço da religião.

Apreciável é também o próprio estilo de Guimarães Pinto, em quem o rigor científico e metodológico (exigido pelas provas académicas de doutoramento a que este trabalho corresponde), a par com o interesse desapegado pela leitura de textos e documento originais, coincidem agradavelmente com uma escrita pessoal algo mordaz e do, ponto de vista intelectual, deveras estimulante.

MARGARIDA MIRANDA